



José Régio

OBRA COMPLETA

TEATRO

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

OS AUTORES
PORTUGUESES

Título: Teatro
Vol. I

Autor: José Régio

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Branca Vilallonga
(Departamento Editorial da INCM)

Capa: reprodução de desenhos de José Régio

Revisão do texto: Levi Condinho

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2005

ISBN: 972-27-1355-8

Depósito legal: 225 680/05

José Régio

TEATRO

I

Prefácio de ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Aparato crítico dos textos inéditos
de PAULA ESTRÊLA LOPES MENDES

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

JACOB E O ANJO ou HISTÓRIA DO REI E DO BOBO

Publicado em *Presença*, n.º 28, de Agosto-Setembro de 1930, e
n.ºs 31-32, de Março-Junho de 1931.

JACOB E O ANJO
ou
HISTÓRIA DO REI E DO BOBO

Ficou só; e eis que um varão lutava
com ele até pela manhã.

Gênesis, XXXII, v. 24.

PRIMEIRO DIÁLOGO

Cenário:

É de noite, àquela hora em que parece parar o tempo. O rei está caído num canto escuro, sobre almofadas que joga ao ar nos seus instantes de fúria. O bobo anda, pára, ajoelha, levanta-se, pincha, prostra-se... A chama dos dois archotes ondula conforme o vento das suas mangas longas como asas; e as sombras agitam na parede nua monstros horríveis e burlescos. Apesar de bobo, o bobo é esbelto. Tem uma particularidade: o crânio pelado como um caco. Mas fizeram-no bobo não por qualquer disformidade do seu corpo, que é belo, sim pela disformidade do seu espírito. O diálogo que segue é o primeiro por ser qualquer um dos que o bobo e o rei tiveram antes dos mais importantes.

— Fala! — disse El-Rei.

— Katinga... Katingá! — cantarolou o bobo.

— Que é isso?

— Nada. Bem sabes que é o meu nome.

— Já te mandei falar!

- Por isso não falo.
- Fala...!, ou arranco-te a língua; mando cortar-te as orelhas...
- Isso é contigo e não comigo.
- Ah! é comigo e não contigo...?!
- Pois é. Quem me manda cortar as orelhas e a língua? Sou eu, ou és tu?
- Mas quem fica sem língua e sem orelhas?
- A acção é tua. Portanto, é contigo.
- Cala-te, idiota! Estou farto dos teus sofismas pueris...
Anda, fala!
- Katinga... Katingá!
- Falas, cão?!
- Se me chamas cão, chamo-te burro.
- Por que me chamas burro?
- Pois tu não me ouves falar? Que mais queres? Por que te irritas?
- Sim. Mas fala-me de qualquer coisa...
- Não sei como as orelhas te cabem debaixo da coroa!
- Explica-te, animal!
- Pois eu não estou a falar de qualquer coisa?
- De qualquer coisa... que interesse.
- Se queres que eu diga qualquer coisa que interesse, interessa-te por qualquer coisa que eu diga: Por culpa tua, eu não sou para ti senão o teu ódio, ou o teu amor, ou o teu cansaço, ou a tua indiferença, ou a tua desconfiança... embora seja preciso acabar com tais equívocos!
- Animal!, se o que tu dizes tivesse interesse, eu achá-lo-ia.
- Se tu lho achasses, o que digo teria interesse. Queixas-te de não achar interesse ao que digo...; mas sendo tu quem lho não acha, que hei-de eu responder? Que isso é contigo. Do facto de não achares interesse às minhas palavras, deverás concluir que as minhas palavras são sem interesse?!
- Não discutas comigo! Quando queres raciocinar, raciocinas como a caricatura dum pedante.
- Boa piada, majestade. É que eu também sou caricaturista. Posso ir-me embora?

— Fala! Falas, ou não falas?
— Pois inda queres que fale mais?
— Que tens tu dito, idiota?
— Se sou idiota, idiotices. A culpa é minha?
— Tu fazes-te idiota quando queres.
— Ninguém que não seja idiota pode ter um desejo tão idiota como o de ser idiota. Irra, senhor! Assim raciocinam os teus sábios!

— Tu não queres ser idiota: Convém-te fingir sê-lo quando pretendes exasperar-me.

— Isso é cá comigo.

— É contigo..., o quê? exasperar-me? E comigo..., não?

— Se te exasperas..., é contigo: Não tenho nada com isso. Se te exaspero, é comigo: Não tens nada com isso. Queres coisa mais clara? De resto, ouve: Eu posso fingir-me idiota, saber-me a fingir, sem por isso deixar de ser idiota. Não sabes que os homens que se fingem doidos são doidos? E só o não são no momento em que se fingem doidos, porque então querem ser o que são; ora quando se quer ser o que se é, já se não é o que se é.

— Tu fazes-me perder a cabeça! Explica-te melhor.

— Burro coroadado!, o que disse foram palavras.

— Mas essas palavras não exprimiam pensamentos?

— É preciso saber distinguir tudo, compreendes? E é preciso saber confundir tudo, nos páramos do supremo ou do ínfimo... Mas tu julgas essenciais as tuas distinções mesquinhas. E misturas tudo antes de lá donde tudo se confunde...

— Ouves, cão danado? Quando me aborrecer esta conversa, hei-de zurzir-te a cavalo marinho...!, eu próprio, por minhas mãos!

— Bravo, majestade! Prefiro ouvir-te falar assim. Depois, hás-de ter necessidade de beijar as minhas feridas... como um cão, rei! E hás-de estender-te diante de mim... como um tapete, rei!

— Víbora!, o teu ódio contra mim vai até esse ponto! Mas continuemos. Parece-me que tu te contradizias...

— Eh!, meu real orelhudo! Não sei como a coroa te não dança na ponta das orelhas!